

Evocação de Joaquim Namorado

Passaram agora dez anos que, aqui, na Figueira da Foz, recebi pela primeira vez o 'Prémio do Conto Joaquim Namorado', ainda na agradável e agora saudosa presença do Poeta de **Incomodidade**. E pude então em breve referência ao que nos fizera ser 'companheiros' de jornada, repartida por outros lugares e circunstâncias, evocar como, sem nos conhecermos, sempre tínhamos andado lado a lado. Primeiro, porque não deixara de antologiar alguns dos seus poemas na antologia **Poesia Portuguesa do Pós-Guerra (1945-1965)**, espécie de cancionero poético da resistência ao fascismo, que em 1965 eu e Afonso Cautela publicámos na 'Editora Ulisseia' e a Censura salazarista depressa mandara colocar fora de circulação, e segundo, porque muitos eram os amigos comuns que por Lisboa e Porto a cada passo falavam da sua poesia e, sobretudo, da sua acção e intervenção cultural sempre como firme resistente no combate ao regime do Estado Novo.

De facto, na lembrança da força renovadora que foi trazida à literatura portuguesa dos anos 40 pelo movimento 'neo-realista', o nome de Joaquim Namorado sempre aparece na primeira linha, não por ter sido apenas um dos seus mais acérrimos e coerentes defensores, mas sobretudo pelo exemplo da sua intervenção poética e cultural nos difíceis anos do fascismo salazarista. E assim, relendo na distância dos anos os seus poemas ou alguns dos breves ensaios e críticas sempre em redor de poetas e da poesia, posso declarar que o autor de **Poesia Necessária** retoma ainda connosco esse mesmo diálogo ou renova, pelo clamor do tempo, os mesmos pressupostos ideológicos e estéticos que justificaram e clarificaram a sua 'poética da cultura'.

Por isso, na memória dos diferentes poetas divulgados pelo **Novo Cancioneiro**, sabe-se como não existe, no fio dos anos, uma linha de água que limite ou entrelace essa corrente poética neo-realista, para lá dos valores estéticos e ideológicos que todos pretenderam afirmar. E se, por exemplo, em João José Cochofel se adivinhava em **Sol de Agosto** essa matriz intimista e pessoana que outros livros posteriores haviam de confirmar, se Carlos de Oliveira não recusava, em **Turismo**, a força e a sombra tutelar de Camões, Antero ou Gomes Leal, se em Manuel da Fonseca, nas reverberações que nunca enjeitará de António Machado ou de Garcia Lorca, era o Alentejo que claramente se erguia pelos '*campos, campos, campos / abertos num sonho quieto*', em Joaquim Namorado, no seu **Aviso à Navegação**, também era demasiado evidente que desde logo se detectavam nos seus poemas as vozes surdas e distantes de Neruda, Lorca ou Álvaro de Campos.

Ora, na exaltação desses valores humanos e estéticos, como de facto é patente nos poemas e textos críticos de Joaquim Namorado, ainda em favor desses 'amanhãs' cheios de promessas, os poetas alinhados em torno do **Novo Cancioneiro** sempre exaltaram, antes e depois de Abril, a força das palavras e dos actos, na deliberada intenção de sempre colocarem o primado do homem sobre o exercício literário ou poético, e antes, como no caso pessoal de Joaquim Namorado, fazer da poesia uma arma ou ser ela esse 'aviso à navegação' do que podia fazer mudar a vida e o mundo pelas veredas do canto e do sonho, mesmo na atenta e violenta vigilância fascista no poder. Ou ainda como uma clara denúncia da própria realidade social e serem os poetas a voz dessa 'incomodidade' expressa e actuante daqueles que não podiam falar ou cantar.

Por isso, neste momento de evocar, como se impõe, a memória de Joaquim Namorado, no acto de lançamento de mais uma edição 'Prémio Literário do Conto' que o tem como patrono, em boa hora instituído por este Município da Figueira da Foz, digo que o Poeta de **Incomodidade** continua a nosso lado pela força do seu exemplo literário e, sobretudo, pela forma coerente e empenhada como soube consolidar uma 'poética da cultura' no seu mais profundo sentido.

Serafim Ferreira

XIV PRÉMIO DO CONTO JOAQUIM NAMORADO
Cadernos Municipais
Edição do Município da Figueira da Foz / 1997.